

## Jornalismo Literário em revista - uma análise de conteúdo da revista Piauí

Literary journalism on magazines - content analysis of Piauí magazine

**Alessandra de Falco Brasileiro**

Universidade Federal de São João del-Rei  
Praça Dom Helvécio, 74, Fábricas, 36301-160, São João del-Rei, MG, Brasil.  
alessandrafalco@ufsj.edu.br

**Danielle Marcia Hachmann de Lacerda da Gama**

Universidade Federal de São João del-Rei  
Praça Dom Helvécio, 74, Fábricas, 36301-160, São João del-Rei, MG, Brasil.  
dani.dagama@hotmail.com

---

**Resumo.** Jornalismo e Literatura têm em comum a palavra como matéria-prima, e suas linguagens tornaram-se próximas em muitos momentos da História. O Jornalismo moderno, buscando objetividade e funcionando em níveis industriais, trouxe à linguagem jornalística, fórmulas e padrões que muitas vezes têm “burocratizado” o Jornalismo impresso. Mas há casos de sucesso, como a revista Piauí, que buscam alternativas para um Jornalismo mais atraente e de profundidade, fazendo uso de técnicas de apuração e redação originárias da Literatura, praticando o que se denomina Jornalismo Literário.

**Palavras-chaves:** Jornalismo Literário, revistas, Piauí.

**Abstract.** Journalism and Literature have in common the word as their raw material, and their languages have come close in many times in History. Modern journalism, seeking for objectivity and working according to industrial levels, has brought to journalistic language prescriptions and patterns that have been, for many times, “bureaucratizing” the print journalism. But there are cases of success, like the magazine Piauí, which search for alternatives for a more attractive and deep journalism, using techniques of inquiry and writing originated in Literature, practicing what is called Literary Journalism.

**Keywords:** Literary Journalism, magazines, Piauí.

---

### Introdução

Narrar histórias sempre foi uma atividade presente na organização da sociedade, desde o registro de desenhos nas paredes das cavernas até os romances clássicos. Usando de uma mesma ferramenta, a palavra, formas narrativas foram se desenvolvendo ao longo do tempo, guardando proximidades e distinções, na tentativa de registrar o real ou o imaginário. Dentre as formas narrativas, temos a Literatura e o Jornalismo. É através das letras que

estas duas atividades se especializaram em contar histórias.

Caracterizando-se ora como convergentes ora contrastantes, a Literatura esteve intimamente ligada à produção de informação em diversos períodos da história do Jornalismo. A narrativa jornalística aproximou-se ou afastou-se da narrativa literária, conforme se valorizava uma redação mais factual ou mais opinativa, e ainda, conforme a maior ou menor liberdade concedida aos profissionais para redigir seus textos, o que refletia os valores da sociedade em cada época.

Na história recente do Jornalismo, é possível perceber uma busca crescente por uma legitimação do seu discurso, na tentativa de aparente neutralidade e objetividade. Segundo Lima (2009, p. 358), “A arte narrativa de se contar histórias existe desde que a humanidade organizou-se socialmente. [...] Artificialmente, o Jornalismo convencional esqueceu-se disso, buscando estruturar seu discurso de um modo considerado por muito tempo lógico, racional e objetivo”.

Quer seja pelo crescimento do espaço comercial nos materiais impressos, reduzindo o espaço do texto, quer seja pelas fórmulas prescritas de captação e redação da notícia, ou pela pouca liberdade de tempo para pesquisa, entre outros fatores, a linguagem jornalística tem se limitado cada vez mais, tornando-se por vezes “simplista” e “frágil”, nas palavras de Lima (2013, p. 73).

Para Medina, o espaço publicitário aperta a informação social e a grande-reportagem fica “atrofiada num espaço que pretende ser o mais sintético possível, pendendo para a fórmula-notícia” (Medina *in* Ferreira, 2003). Além das limitações financeiras, o modelo industrial aplicado às redações impõe um ritmo de produção que limita a atuação mais engajada do repórter: “[...] a obsessão pela atualidade, pelo tempo presente de duração curta, transforma-se na câmara de um labirinto que dificulta ao jornalista a ascensão a um patamar superior [...]” (Buitoni *in* Ferreira, 2003, p. 64).

Cada vez mais presa às fórmulas do *lead* e da pirâmide invertida e à temporalidade, e ainda transposta para os meios eletrônicos na forma de matérias em geral, indiferenciadas para um consumo imediato e descartável – para informar antes, e não necessariamente melhor –, a imprensa escrita enfrenta ainda a ameaça sempre anunciada de extinção, pelos que anunciam apocaliticamente a extinção também de leitores.

Apesar deste cenário, em 2006, foi lançada a revista Piauí, que se caracteriza por ir na contramão deste processo: trabalhando com a liberdade na escolha temática, no espaço das matérias, na humanização dos personagens e na atemporalidade de suas pautas. A Piauí volta seu texto para uma narrativa mais próxima da literária, fugindo dos padrões e uniformes dos manuais e mitos do Jornalismo recente.

O propósito deste trabalho é analisar as características da narrativa utilizada na revista Piauí, comparativamente à narrativa utilizada em outros veículos impressos, e que permitem

enquadrá-la como Jornalismo Literário. O *corpus* de análise engloba três matérias da revista Piauí, comparadas com três matérias de outras revistas que trataram dos mesmos temas: (i) a vitória do Atlético Mineiro na Libertadores da América; (ii) Questões indígenas; (iii) O programa “Mais Médicos”.

Primeiramente foram estudados aspectos das narrativas jornalística e literária, em suas diferenças e conexões. Posteriormente, foram analisadas as características de suas linguagens próprias, para que, na análise comparativa dos textos, fosse possível localizar os elementos que diferenciam a abordagem de veículos que se voltam à narrativa jornalística, como convencionada, da abordagem que tem tornado a Piauí peculiar dentre os meios impressos.

Foi possível identificar nos veículos noticiosos mais factuais a tendência para a repetição de fórmulas e reprodução de discursos do senso comum, a recorrência a fontes legitimadas e a fragilidade argumentativa, bem como foram visíveis as características do Jornalismo Literário nas páginas da Piauí. Tais pontos nos levaram, para além da análise do conteúdo, a uma análise mais crítica destas construções narrativas.

## Conexões entre Jornalismo e Literatura

Jornalismo e Literatura têm se aproximado e afastado ao longo de sua história. Segundo Marcondes Filho, citado por Pena (2008), Jornalismo e Literatura estiveram mais ligados durante os séculos XVIII e XIX, quando escritores buscaram na atividade jornalística a conquista de novos públicos, usando-se principalmente do folhetim, “estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência entre Jornalismo e Literatura” (Pena, 2008, p. 28).

Já no século XX, o Jornalismo foi se profissionalizando e determinando uma fronteira mais rígida que o separava da Literatura. O modelo industrial invadiu a imprensa, sujeitando-a às normas de manuais de redação, além da crença de uma pretensa objetividade como canal para uma maior credibilidade, o que foi reduzindo as possibilidades criativas, outrora permitidas pela aliança com a liberdade literária.

Apenas na década de 1960 surge nos EUA o Novo Jornalismo, que ganhou reconhecimento em 1965 com a publicação de “A sangue Frio”, de Truman Capote, reportagem sobre o

assassinato de uma família no interior do Kansas, publicada originalmente na revista “The New Yorker”, redigida a partir de uma pesquisa que durou cinco anos. Este livro, para muitos autores, inaugurou o que se convencionou chamar modernamente Jornalismo Literário.

Edvaldo Pereira Lima (2009), escritor e jornalista que dirige o curso pioneiro de pós-graduação em Jornalismo Literário no país, afirma que, nas origens deste gênero no Brasil, está a introdução, em 1956, do Caderno Especial do Jornal do Brasil, aos domingos, que continha matérias de maior profundidade, além da inauguração do Departamento de Pesquisa e Documentação em 1964, contribuindo para o início do Jornalismo interpretativo.

## O Jornalismo Literário

Para caracterizar o Jornalismo Literário, há diferentes versões. Para alguns autores, trata-se de um período histórico em que escritores acumularam funções de jornalistas. Outros, como Ferreira (2003), o relacionam ao Novo Jornalismo dos EUA da década de 1960. Há os que o vinculam com as obras de romances-reportagem. Pena (2008, p. 21) considera todas as opções e inclui a sua: Jornalismo Literário é “[...] linguagem musical de transformação expressiva e informacional. [...] Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados”. O autor ainda define o Jornalismo Literário como “Modalidade de prática de reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originados da (ou inspirados pela) Literatura” (Pena, 2008, p. 105).

Assim, se “a preocupação real do Jornalismo é entender a contemporaneidade” (Ferreira, 2003, p. 31), o Jornalismo Literário busca cumprir, da mesma forma que o Jornalismo convencional, sua função de informar para promover a compreensão de realidades. Mas ele busca realizar tal tarefa de forma inovadora e criativa, usufruindo de liberdade de recursos narrativos e linguísticos, ou, ainda, com liberdade de pautas, apuração, tamanho do texto, entre outras “permissões” não dadas ao Jornalismo factual. O Jornalismo diário atual, por sua vez, enfrenta duras críticas, como as de Necchi (in França, 2008, p. 34-35):

*[...] relatos apressados e superficiais, textos mal escritos e desinteressantes, pautas sem originalidade que perpetuam fórmulas e clichês da cober-*

*tura, adoção de discursos hegemônicos e do senso comum como ponto de partida para a apuração, cômodas entrevistas realizadas por telefone ou e-mail, dependência de agências de notícias, perda da capacidade de observação e desconexão da realidade.*

O Jornalismo Literário pode assim ser considerado uma alternativa possível para a melhoria na narrativa jornalística, de forma não apenas a cativar o leitor, mas também a aprofundar o tratamento das pautas. Podemos destacar como características que costumam ser comuns nesse tipo de narrativa:

- **Exatidão e precisão:** Tais elementos fazem parte do ideário do texto jornalístico, “[...] contudo, o modo como se atende a esse quesito no Jornalismo Literário é muito mais criativo – e desafiador – para o autor do que no Jornalismo convencional. É também muito mais cativante para o leitor” (Ferreira, 2003, p. 355).

- **Liberdade:** A temática não vincula temas a editoriais e, assim, o Jornalismo Literário torna-se universal; temporal, não obrigado a fatos da atualidade; de tamanho; de angulação e de fontes, fugindo “do estreito círculo das fontes legitimadas” (Ferreira, 2003, p. 84).

- **Abordagem multiangular:** Cria um sistema de causa e consequência, ao contrário do enfoque linear do Jornalismo informativo.

- **Humanização:** Na narrativa humanizada, evitam-se os estereótipos, e as pessoas não são tratadas como “fontes”, e sim como “pessoas”, personagens da narrativa. O autor também se humaniza, podendo dar opinião, contar o que sente, ser autobiográfico. Os modos de ser e de dizer do entrevistado passam por observação detalhada.

- **Imersão:** Diretamente ligada ao aspecto da humanização está a imersão, que inclui a realidade dos personagens e a pesquisa.

- **Simbolismo:** O conteúdo simbólico é parte essencial da linguagem literária. Ele se manifesta nas figuras de linguagem, como metáforas, metonímias, mas também pelo uso do discurso poético. Para Lima, muitas vezes, para apreender sentidos ocultos e significados, se usa o simbolismo, que “[...] ajuda a consolidar na mente do leitor a síntese, a imagem, o sentido de um acontecimento. [...] o simbolismo permite fazer ponte entre um fato ou situação com seu sentido universal” (Lima, 2009, p. 379).

- **Preocupação social/engajamento:** Ferreira (2003) aborda especialmente a característica do Jornalismo Literário como prática engajada. O novo Jornalismo teria, em princípio, tido forte

ligação com as contradições sociais e sua transformação, o que prosseguiu com os livros-reportagem. Além disso, para Sato (*in* Marques, 2009, p. 21), o esvaziamento do discurso através do uso da terceira pessoa “[...] acaba por ocultar o processo social que possibilitou a notícia”, ao contrário do que se dá no Jornalismo Literário. Nele, embora o jornalista exponha um recorte, um ponto de vista, ele é uma pessoa narrando uma história, o que afasta este discurso da própria ideia de neutralidade.

- Criatividade e voz autoral: Por fim, é essencial ao texto jornalístico-literário a criatividade. Cada autor pode usar os recursos que lhe atendam, sem um estilo padrão. Trata-se de sempre tentar dizer o “velho” ou o “novo” de forma nova.

*Uma narrativa de jornalismo literário não é uma tese científica. O autor não é obrigado a encontrar hipóteses rígidas, nem comprovar nada, a partir de uma tese prioritariamente esboçada. Sua missão é narrar organicamente, com o vigor da vida real – não com o artifício da vida abstrata que a ciência gera em muitas ocasiões – o que se vê, sente, cheira, constata. O que compreende da realidade que vivencia, o que aprende da humanidade de seus personagens (Lima, 2009, p. 392).*

Pena (2008, p. 13-15) elaborou em um símbolo “retoricamente místico” para representar itens imprescindíveis dentro do Jornalismo Literário, denominado de “Estrela de 7 Pontas”, que acrescenta às características já expostas:

- Potencializar os recursos do Jornalismo: O Jornalista Literário desenvolve novas estratégias, mas se utiliza das técnicas narrativas e das práticas do Jornalismo diário: “[...] apuração rigorosa, observação atenta, abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente” (Pena, 2008, p. 13).

- Ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano: Rompendo com a “periodicidade” e a “atualidade” (Pena, 2008, p. 14).

- Proporcionar visão ampla da realidade: Transcendendo o espaço de tempo do acontecimento imediato, o jornalista literário pode abordar temas contextualizando a informação “[...] da forma mais abrangente possível” – relacionando com outros fatos, comparando, localizando-a em um espaço temporal de longa duração” (Pena, 2008, p. 14).

- Exercitar a cidadania: Para o autor, quando se escolhe um tema, deve se pensar em “[...] como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade” (Pena, 2008, p. 14).

- Romper com as correntes do *lead*: Fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias é necessário para evitar a “pasteurização” do texto, trazendo-lhe criatividade e estilo.

- Evitar os definidores primários: ou “os famosos entrevistados de plantão”, que são as fontes oficiais, sempre procuradas em função também da falta de tempo do Jornalismo diário, já que são fontes legitimadas e com relacionamento prévio com a imprensa. “[...] é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (Pena, 2008, p. 15).

- Perenidade: Assim como um bom livro permanece por várias gerações e contextos históricos, o Jornalismo Literário busca esta perenidade, fugindo do superficial, ao contrário das reportagens que são esquecidas no dia seguinte.

## Jornalismo Literário x jornalismo convencional

Para Lima (2009, p. 384), o jornalista-escritor é um repórter, “[...] que busca adentrar a realidade para conhecê-la e trazê-la à compreensão, mas também um escritor que organiza sua história do que viu e viveu em uma narrativa consistente, representação simbólica de ações, cenários e personagens reais”. O Jornalismo Literário humaniza a narrativa: é escrito por uma pessoa, falando de pessoas, para a informação de outras. Afastando-se da onipresença e “frieza” do Jornalismo convencional, ele desvela o autor por trás da narrativa e o personagem por trás da fonte, humanizando o acontecimento e propiciando ao leitor uma informação mais aprofundada e contextualizada.

*O autor não é um mero compilador de dados, esforçado moleque de recados que transmite as versões dos fatos moldados conforme os interesses de suas fontes, nem se esconde, submisso, por trás das afirmações dos especialistas. Em jornalismo literário que se preze, abominam-se as expressões por trás das quais se escudam os autores, tímidos, a auto-estima baixa, o inconsciente complexo de inferioridade escorado em cacoetes como ‘segundo o doutor Xinóbio Astri Brizão, do laboratório Mentzi de Reprodução Humana...’ ou ‘questionado pela reportagem, fulano de tal, 39, disse que...’. Autor de jornalismo literário tem nome, rosto, corpo, cabeça, tronco, membros. Tem mente e coração. Pensa e sente [...]. Tem virtudes e defeitos. Enxerga coisas que pessoas menos exercitadas para contar histórias não enxergam (Lima, 2009, p. 369).*

A forma impessoal do tratamento da notícia no Jornalismo convencional acaba recaindo na desumanização dos personagens, que estão “por trás” do fato. Ricardo Noblat, jornalista e escritor que já chefiou as revistas *Manchete* e *Veja*, hoje colunista do jornal *O Globo*, teceu considerações sobre os “males” de nosso Jornalismo impresso, entre eles, o mal dos relatos impessoais, das versões do oficialismo e da superficialidade. Sobre a queda do então governador do Alagoas durante a crise que abalou o estado em 1997, ele fala:

*Milhares de pessoas saíram às ruas de Maceió, pedindo a deposição do governador e meia dúzia delas acabou ferida à bala. Mas, salvo menção a uma ou a outra mais exaltada, elas foram ignoradas pelos jornais. Uma multidão sem rosto, sem nome, sem histórias para contar. O generoso espaço reservado pelos jornais para noticiar a crise foi ocupado por declarações de políticos, providências tomadas pelo governo federal, explicações sobre a situação das contas públicas de Alagoas e frias descrições dos conflitos de rua (Noblat in Nogueira, 1998, p. 81).*

Alguns autores que fizeram parte do movimento *new journalism* nos EUA da década de 1960 ilustraram bem o fato de que tinham “rosto, corpo, cabeça, tronco, membros”, além de “mente e coração”. Para escrever o livro sobre os motoqueiros chamados Hell’s Angels, Hunter Thompson se infiltrou na gangue e acabou por viver de fato a violência do bando ao levar uma surra quando foi descoberto, como conta no livro. O autor depõe contra a linguagem apática do Jornalismo convencional:

*[...] qualquer um que tenha trabalhado em um jornal por mais de dois meses sabe como precauções técnicas são tomadas até mesmo na matéria mais extravagante, sem a preocupação de não causar impacto sobre o leitor. E elas resultam basicamente na arte de publicar uma matéria sem ter responsabilidade legal sobre ela. A palavra ‘suposto’ é indispensável nesta arte. Outras palavras-chave são ‘disse fulano’ (ou ‘afirmou’), ‘relatou-se’ e ‘de acordo com’ (Thompson, 2011, p. 51).*

Já Gay Talese, outro grande nome do *new journalism*, costumava escrever sobre personagens anônimos, e mesmo sua reportagem “Frank Sinatra está resfriado”, de 1966, foi escrita a partir de inúmeras entrevistas, mas nenhuma com o cantor (Oliveira, 2013). No Brasil, também existem grandes expoentes do Jornalismo Literário, a começar por Euclides

da Cunha, que, para alguns autores, inaugurou o gênero híbrido com sua obra “Os Serões”.

Modernamente, um dos mais célebres jornalistas literários foi Joel Silveira, chamado de “a Víbora”, graças a seu estilo ferino. Tendo recusado o convite para assistir ao monumental casamento da filha do conde Francisco Matarazzo Jr. com o milionário carioca João Lage, em 1945, Joel escreveu a reportagem “A milésima segunda noite da Avenida Paulista”, narrando o casamento simples de Nadir e José, uma operária e um torneiro mecânico da fábrica de Matarazzo.

Com o uso de metáforas e ironias, Joel conseguiu realizar uma reportagem que entrou para a história como precursora do estilo no Brasil, mostrando de forma original o abismo entre as classes sociais (Chiquim, 2009). Lima (2013, p. 73) utiliza a metáfora do *iceberg* para representar a forma de abordagem do Jornalismo convencional, que, para ele, é: [...] simplista, linear, raso, temporalmente frágil, com explicações que tendem a ser mecanicistas”.

*[...] o olhar da mídia convencional só alcança a linha d’água onde se vê uma grande pedra de gelo flutuando, deixando de perceber a presença muito mais ameaçadora, à frente e submersa diante do Titanic, da enorme montanha marítima da qual faz parte, o iceberg (Lima, 2013, p. 71).*

O autor defende, ainda, que o foco no “fato” e na atualidade deixa de lado o contexto temporal, social e cultural do qual faz parte, e que pode moldar as ações dos seus atores. Para ele, o olhar posto na atualidade não busca as raízes e desdobramentos dos fatos, e a “fragmentação do olhar” faz perder a noção de conjunto que permitiria ampliar a compreensão da realidade.

O que o jornalista literário procura realizar é um texto mais vívido, atraente e original, inovador da apuração à redação. Procura se contrapor ao texto jornalístico convencional, que se tornou uma repetição mecânica, reproduzida com poucas alterações de um veículo para outro, de forma superficial e burocrática, cumpridora dos padrões operacionais e de redação.

Para Noblat (*in* Nogueira, 1998, p. 82), se os jornalistas, hipoteticamente, perdessem acesso às fontes oficiais, haveria duas alternativas: ou os jornais deixariam de circular ou descobririam um “[...] material rico, farto e fascinante muito além dos gabinetes e dos corredores carpetados do poder” e ainda critica o con-

traste da modernização técnica da imprensa brasileira, “[...] uma das mais modernas do mundo”, com a grande revolução de conteúdo que está longe de ser feita e à qual os jornalistas têm resistido “[...] com toda força dos nossos preconceitos.”

## Linguagem jornalística e linguagem literária

“Seriedade e prazer, informação e captação, parecem constituir princípios de base da relação contratual que resulta neste produto que é a informação jornalística” (Emediato, 2007, p. 293). Seriedade que leva o leitor a confiar no produto jornalístico, e prazer que o faz escolher entre ler a notícia em um veículo em vez de em outro. A linguagem jornalística busca assim se colocar em equilíbrio entre estas demandas, através de modelos que a atividade profissional tem desenvolvido ao longo do tempo.

*O discurso da informação jornalística se inscreve em um duplo contrato: contrato de informação e contrato de captação. O primeiro prevê, de um lado, uma instância de produção jornalística movida por um imaginário segundo o qual a realidade social, em grande parte oculta, deve ser revelada ao público para servir ao ideal de democracia [...]. O segundo contrato sugere que a instância de produção, enquanto empresa dotada de interesses, encontra-se em uma forte zona de concorrência e, por isso, necessita pôr em ação estratégia de dramatização e espetacularização capazes de captar o maior número de leitores (Emediato, 2007, p. 292-293).*

Lima (2009, p. 13) busca também delinear a função do Jornalismo: “[...] informar e orientar sobre fatos da atualidade, mantendo um vínculo de contato periódico com a audiência, que é dispersa geográfica e socialmente, tratando de temas que dizem respeito aos mais variados campos do saber humano”.

Assim, para atingir seus objetivos, os profissionais da área utilizam mecanismos e linguagem próprios, para que seu discurso, materializado no relato das ocorrências sociais, se diferencie de outras formas narrativas, revestindo-se de um caráter de objetividade e padronização que lhe confira uma maior confiabilidade. Espera-se que um texto jornalístico atenda a preceitos como precisão, exatidão, clareza e concisão.

Quanto à Literatura, autores apontam diferentes conceitos, sendo que estes se modificam conforme o contexto sócio-histórico considera-

do. Para Marques (*in* França, 2008, p. 26), “[...] a linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividades (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, ao predizível e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana”. A linguagem literária, para o autor, faria sentido independentemente do tempo em que fosse enunciada, enquanto a jornalística prende-se à atualidade.

Proença Filho afirma que, enquanto a linguagem literária “produz”, a não-literária “reproduz” (*in* França, 2008, p. 18). Além disso, podemos diferenciar o discurso não-literário, como tem sido o texto jornalístico ou o texto científico, do discurso literário, por sua significação: para o autor, enquanto naqueles há uma significação singular dos signos, nestes, se acumulam funções de objeto linguístico e também estético.

## Análise da revista Piauí

Nosso projeto se utiliza do método de Análise de Conteúdo. Berelson (*in* Bardin, 2009, p. 38) define o método como “[...] uma técnica de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações”.

Como etapas para a produção de resultados no campo da Análise de Conteúdo, são consideradas, seguindo a categorização de Bardin (*in* Born, 2009): a descrição, a inferência e a interpretação – esta sendo a última etapa, que revela a significação concedida às características inicialmente descritas.

Nosso *corpus* de análise englobará a revista Piauí. Lançada em 2006, tornou-se uma das revistas mais prestigiadas pelo público leitor no país, de acordo com seu Media Kit (2013), que demonstra sua tônica: “A Piauí é uma revista mensal de Jornalismo, ideias e humor. Publicamos para quem gosta de ler. [...] Piauí não tem resposta para nada. Nem para quem pergunta por que ela se chama Piauí, porque a esse respeito ainda não chegamos a um consenso”. Daniela Caniçali, que realizou pesquisa sobre o processo de produção na revista, cita depoimento de um de seus idealizadores, João Moreira Sales: “Não existe reunião de pauta, as matérias vão surgindo informalmente, da conversa entre os repórteres e o diretor de redação. Nosso processo não tem nenhuma liturgia, nenhuma formalização” (Caniçali, 2012, p. 2).

Assim, através de uma prática diferenciada, a Piauí tem atraído leitores para o Jornalismo impresso, na contramão do processo da leitura rápida e muitas vezes descartável da mídia *online*. Em seus aspectos mercadológicos ou de suas reinvenções nas práticas jornalísticas, a revista tem inspirado também uma ampla gama de pesquisas e análises no meio acadêmico.

Neste trabalho, realizamos a análise de três matérias publicadas na revista Piauí, comparando-as com matérias referentes ao mesmo tema, publicadas em outras revistas mensais de caráter mais factual, buscando demonstrar características da narrativa e uso de recursos de linguagem que aparecem nas matérias da Piauí e que não aparecem ou aparecem fracamente nas demais revistas.

### Análise 1

Na primeira análise, foram comparadas as matérias “Quixote Venceu”, da edição 84 da revista *Piauí*, com “Até o fim eles acreditaram”, veiculada pela *Veja* BH de 31/07/2013. A matéria da *Veja* BH tem caráter factual e pouco opinativa, com poucas figuras de linguagem e recursos narrativos. É notável o uso frequente de “chavões” do Jornalismo esportivo, usados pelo seu “caráter facilitador e reducionista” (Bahia, 2005). Tognoli (*in* Marques, 2004, p. 103) afirma que o processo dos clichês acontece sem que a palavra passe pela “simbolização”: “[...] os redatores fazem uso das mesmas imagens para descrever as mesmas situações, apoiando-se nas mesmas figuras de linguagem”. É uma matéria extensa, porém não aprofundada, repleta de números e estatísticas, e boxes com depoimentos de torcedores.

Já na matéria da *Piauí*, o repórter é o torcedor que faz parte da história, uma história que é narrada como “estória”. É uma crônica esportiva autoral, narrada em primeira pessoa, mas marcada pela apuração precisa e pesquisa aprofundada. Tais aspectos em conjunto ampliam o “tempo” desta reportagem, tornando-a mais perene porque não narra um jogo, um campeonato, mas faz uma análise de um time de futebol, e de sua torcida, ao longo de sua história, e busca interpretar sua complexa situação atual. Através do uso de figuras de linguagem, o autor adiciona humor e crítica ao texto construído através de seus sentimentos e lembranças de torcedor e de sua análise como repórter.

### Análise 2

Na segunda análise, foram comparadas as matérias “O colapso da política indígena”, da edição 2273 da revista *IstoÉ*, e “Laboratório Indígena”, da edição 86 da revista *Piauí*. A matéria da *IstoÉ* apresenta uma visão reducionista por debater a questão indígena apenas como questão da disputa de terras. Com uma visão negativa das políticas a favor dos índios e sem dar voz a esta minoria, a reportagem reproduz discursos do senso comum, evitando um aprofundamento sobre outras demandas desta população.

Em contraste, a matéria da Piauí apresenta angulação diferente da tradicional, ao tratar a questão do acesso dos indígenas ao Ensino Superior. Há grande diversidade de fontes, destacando-se a humanização destas através de apresentação de características simbólicas e a contextualização que se torna possível através do mosaico de depoimentos apresentados.

### Análise 3

Nesta última etapa, foram escolhidas duas matérias sobre o programa Mais Médicos, do Governo Federal, uma delas é “Ideologia faz mal à saúde”, que foi veiculada na edição n. 797 da revista *Época*, dentro de reportagem maior intitulada “Dilemas da Saúde”; a outra é a matéria “Los doctores”, veiculada pela Piauí de fevereiro de 2014.

Várias características permitem ver na matéria da Piauí uma narrativa jornalístico-literária: a preocupação social é evidente pela abordagem e pela contextualização do tema, que o aprofunda para além da visão geral que outros veículos têm demonstrado. Trechos em que a narrativa se aproxima da literária são constantes, através de descrição de ambientes, da reprodução de diálogos, da reconstrução de cenas e do registro de características simbólicas dos personagens. A visão do problema é ampla, construída através da visão de várias fontes, de diferentes campos sociais, aliada aos dados obtidos em diferentes pesquisas. E, embora tenha definidores primários, ela ouve os pontos de vista que nunca foram abordados, compondo um quadro de diferentes falas, reproduzindo um cenário complexo, necessário à compreensão de uma questão tão polêmica.

Já a matéria de *Época* apresenta narrativa simplista, pouca diversidade de fontes, ou mesmo não ligadas ao tema, abordagem linear por falta de contextualização, demonstrando,

assim, uma argumentação superficial. Além disso, antes mesmo de iniciar a leitura do texto propriamente dito, o leitor é bombardeado por referências apenas pelos elementos pré-textuais ou pelos gráficos do texto. Trata-se de um olhar que se fragmenta, perdendo a noção do todo e dificultando a compreensão de uma realidade complexa, desde o princípio, quando constrói sua narrativa sobre uma pergunta que já vem previamente respondida, e sem dar chances ou subsídios para que o leitor possa construir sua própria opinião.

## Considerações finais

Este trabalho propôs reflexões a respeito da narrativa jornalística literária, a partir da comparação com narrativas do Jornalismo tradicional. Muitas pesquisas têm sido feitas sobre o tema, mas foi considerado que ainda há muito a realizar, inclusive quanto à análise de conteúdo, que revelou funcionalidades do uso das figuras de linguagem, da personificação do narrador, dos efeitos da descrição e da reprodução de diálogos de forma direta.

Ainda há a necessidade de pesquisas em torno de aspectos operacionais da cobertura jornalística factual e da literária – forma de apuração, critério de escolha de fontes, pautas e edição e processos de pesquisa, entre outros. Por outro lado, há a argumentação de que esta última forma narrativa, não atrai um público maior porque os leitores não têm tempo para ler matérias longas, além de que matérias desse tipo exigem um espaço e um tempo de que o repórter não dispõe. Cabem ainda então, pesquisas que detectem novos formatos para o Jornalismo Literário, como a edição de longas reportagens em séries menores, ou o uso de linguagem jornalística literária em pequenos perfis ou notícias, mesmo em jornais diários.

Na análise de conteúdo das três matérias, foi possível considerar que cada uma, *Veja*, *IstoÉ* ou *Época*, apresenta predominantemente uma característica do Jornalismo tradicional: na matéria sobre a vitória do Atlético Mineiro, predominam as fórmulas-padrão da narrativa jornalística, somadas aos clichês da linguagem esportiva. Na matéria sobre as questões indígenas, é possível visualizar ampla reprodução do senso comum e do discurso hegemônico. Na terceira e última análise, na matéria sobre o programa “Mais Médicos”, a abordagem é superficial e descontextualizada, o que tem contagiado

a narrativa jornalística, quer seja pela falta de tempo e recursos para apuração, quer seja por questões ideológicas.

Estas características retiram do texto jornalístico seu vigor e prejudicam a função mais primordial da reportagem, que é a de informar e, a de, fazendo-o bem, dar àquele que a lê a oportunidade de construir seu próprio conhecimento. Assim, é relevante que se considere a proposta da narrativa jornalística literária como uma alternativa importante no fazer jornalístico que permita:

- (i) realizar uma forma envolvente de redação, que seja mais agradável para o leitor;
- (ii) aprofundar o tratamento das temáticas, auxiliando em sua função social de promoção de democracia e cidadania;
- (iii) desenvolver no profissional o hábito da pesquisa e observação constantes e o aprimoramento de sua redação, trazendo, em vez da repetição de modelos prontos em matérias circunstanciais, o viés artístico que a literatura pode propiciar.

Fazer do trabalho jornalístico certa “arte de comunicar” pode significar importante contribuição para o envolvimento do leitor e para o cumprimento de nossa função de comunicadores sociais.

## Referências

- BAHIA, J.A. 2005. A sociedade dos chavões. Disponível em: [http://www.observatoriadaimprensa.com.br/news/view/a\\_sociedade\\_dos\\_chavoes](http://www.observatoriadaimprensa.com.br/news/view/a_sociedade_dos_chavoes). Acesso em: 07/04/2014.
- BARDIN, L. 2009. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 255 p.
- BORN, A.M.H. 2009. A bibliografia de marketing nos cursos de Publicidade e Propaganda no Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.espm.br/ConhecaAESPM/Mestrado/Documents/COLOQUIO%20BXM/S2/Ani%20Mari%20Hartz%20Born.pdf>. Acesso em: 07/04/2014.
- CANIÇALI, D. 2012. Revista Piauí: um processo de produção a ser investigado. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-2226-1.pdf>. Acesso em: 09/07/2014.
- CHIQUEIM, G. 2009. O intercâmbio de gêneros na grande-reportagem “A milésima segunda noite da Avenida Paulista”, de Joel Silveira. Disponível em: <http://www.faccrei.edu.br/gc/anexos/diartigos33.pdf>. Acesso em: 09/07/2014.
- EMEDIATO, W. 2007. As emoções da notícia. In: I.L. MACHADO; E. MENDES; W.A. MENEZES, *As emoções no discurso*. Rio de Janeiro, Lucerna, p. 290-308.



- FERREIRA Jr., C.R. 2003. *Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas*. São Paulo, Edusp, 434 p.
- FRANÇA, V.A. 2008. Jornalismo e Literatura: Uma análise dos elementos jornalísticos e literários e seus hibridismos na construção dos perfis de Joe Gould. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/franca-viviane-jornalismo-e-literatura.pdf>. Acesso em: 18/02/2014.
- LIMA, E.P. 2009. *Páginas Ampliadas: O Livro-Reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura*. São Paulo, Manole, 486 p.
- LIMA, E.P. 2013. Memória do Futuro: Jornalismo Literário Avançado no Século XXI. *Revista Inovcom*, 5(2):68-78.
- MARQUES, F. 2004. O jornalismo esportivo sob o império dos clichês. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/index.php/mediacao/article/viewFile/244/241>. Acesso em: 07/04/2014.
- MARQUES, F. 2009. Jornalismo e Literatura: modos de dizer. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/124/115>. Acesso em: 07/04/2014.
- MEDIA KIT. 2013. Revista Piauí. Disponível em: [http://revistapiaui.estadao.com.br/assets/media/geral/apresentao\\_revista\\_piau.pdf](http://revistapiaui.estadao.com.br/assets/media/geral/apresentao_revista_piau.pdf). Acesso em: 08/07/2014.
- NOGUEIRA, N. (org). 1998. *Jornalismo é... (ABI)*. São Paulo, Vilar dos Livros, 111 p.
- OLIVEIRA, G.C. de. 2013. "Frank Sinatra has a Cold" – Análise de uma reportagem do Novo Jornalismo. Disponível em: <http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/235/4021/1/21006226.pdf>. Acesso em: 09/07/2014.
- PENA, F. 2008. *Jornalismo Literário*. São Paulo, Editora Contexto, 144 p.
- THOMPSON, H.S. 2011. *Hell's Angels*. Porto Alegre, L&PM Pocket, 352 p.

Submetido: 26/11/2014

Aceito: 01/03/2015